

RUMOS DA PESQUISA AGROPECUÁRIA NO TRÓPICO ÚMIDO
BRASILEIRO: O CASO DO ACRE

Vitor Hugo de Oliveira¹

1. A REGIÃO

Para falar sobre os rumos que deve seguir a pesquisa agropecuária no trópico úmido brasileiro, mais especificamente no caso do Acre, são condições essenciais situar esta região geograficamente, esboçar um perfil do homem e tentar definir os problemas que este enfrenta.

Iniciando pela discussão geográfica da região, num nível macro, sabe-se que o trópico úmido americano compreende aproximadamente 666 milhões de hectares, ou seja, 46% do hemisfério ocidental, entre os trópicos de Câncer e Capricórnio.

A importância atribuída às regiões tropicais úmidas deve-se principalmente ao fato de cobrirem cerca de 10% das terras do mundo, além de representarem um ecossistema crucial que afeta a sobrevivência da humanidade, em razão da potencial produção de alimentos e da preocupação geral acerca das conseqüências ecológicas que poderão advir da retirada da floresta. No Brasil, estende-se por toda a Região Norte (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e parte dos Estados do Maranhão, Mato Grosso e Goiás), representando cerca de 57% do território nacional.

Apesar de contar com vastos recursos naturais, esta região tem sido pouco aproveitada principalmente pela insuficiência de conhecimentos básicos a respeito. Este pouco

¹Eng^o-Agr^o - M.Sc. Chefe da UEPAE de Rio Branco-AC

aproveitamento, regra geral, tem-se dado de forma desordenada e sem o mínimo de respeito às mais elementares leis ambientais.

Por esta razão, existem várias correntes contrárias ao modo como vem se processando a exploração destas regiões. Apesar das muitas vozes contrárias, verifica-se que, cada vez mais, agricultores sem terras estão migrando para estas regiões e centros urbanos da Amazônia.

Neste contexto encontra-se o Acre, totalmente inserido nessa região, com uma superfície correspondente à 3,2% do trópico úmido brasileiro.

No Estado ainda é empregado o sistema de agricultura migratória baseado na derrubada e queima da mata, seguindo-se o cultivo de plantas alimentícias por poucos anos e, finalmente, o abandono da área por muitos anos até a recuperação da fertilidade natural.

Mais recentemente, o Acre começa a vivenciar um misto de agricultura migratória tradicional para uma agricultura migratória em desequilíbrio. O primeiro caso representa uma situação estável, típico de zonas pouco acessíveis; o segundo, um sério problema de ordem agrônômica, social e ecológica à medida que a fronteira agrícola avança. Ambos os casos requerem o desenvolvimento de tecnologias compatíveis.

2. O HOMEM E OS PROBLEMAS

Não é tarefa fácil definir ou caracterizar o homem da região. Por isso, tentaremos esboçar um perfil onde apresentamos as características que mais se sobressaem.

Numa primeira aproximação, poderíamos apresentar o seguinte conjunto de características:

- área de propriedade subutilizada;

- baixo padrão de renda da unidade produtiva;
- agricultura tradicional e de baixo nível tecnológico;
- produção de subsistência;
- mão-de-obra familiar;
- capital próprio e reduzido;
- pouca integração com o ambiente sócio-econômico em que se encontra (produz o que consome e consome o que produz; depende pouco do mercado).

É importante ressaltar que estas características correspondem hoje à maioria dos agricultores da região. Entretanto, dentro de muito pouco tempo, deverá surgir um outro estrato de pequeno produtor, com características talvez ainda mais cruciais do que as atuais. Esta clientela deverá acentuar sobremaneira os problemas atuais vividos pela pesquisa agropecuária e extensão rural, caso estes segmentos não re-direcionem suas filosofias e métodos de trabalho no sentido de se prepararem para o futuro.

Assim como não é fácil conceituar o agricultor regional, mais difícil ainda é gerar uma tecnologia que esteja voltada não apenas para a produção agrícola, mas também para a pobreza agrícola.

Com respeito à pesquisa, diretamente afeta a nós, quando enfocamos o meio rural, em particular os pequenos agricultores, temos presente uma indagação constante: é possível fazer pesquisa agropecuária com (e para) os pequenos produtores do Acre?

Essa indagação pode ser aparentemente sem propósito. Contudo, ao nível corrente do senso comum, e até em trabalhos técnico-científicos, questiona-se a possibilidade de gerar tecnologia para um cliente apático, que não segue as orientações.

Os agricultores são geralmente considerados ignorantes,

desinteressados, desconfiados, e que não possuem a mínima dimensão do esforço que os técnicos realizam para incorporá-los ao progresso científico.

Infelizmente, a desorganização dos agricultores de nossa região impede que eles expressem a essa sociedade mutante suas necessidades mais urgentes. Este fato é agravado pela burocracia e tecnocracia que, ao empregar uma linguagem complicada, não facilita uma relação mais fluente com o agricultor.

Esse quadro de pobreza agrícola encontra-se emoldurado por fatores limitantes diversos onde entravam a promoção do agricultor e o desenvolvimento agrário estadual. Estes fatores podem ser traduzidos nos seguintes pontos:

1. insuficiente conhecimento de tecnologias de manejo de solos e sistemas de produção para as diferentes microrregiões;
2. transferência da tecnologia disponível realizada de forma deficiente;
3. deficiente infra-estrutura viária, creditícia, de insumos, de comercialização e políticas que apoiem o desenvolvimento tecnológico;
4. necessidade de estreitar a comunicação e a colaboração entre as entidades de pesquisa e extensão rural;
5. timidez na execução do programa de reforma agrária.

3. OS RUMOS

A pesquisa agropecuária, dadas as condições locais, a nosso ver, deverá estar voltada, fundamentalmente, para: a) a geração de tecnologias de baixos insumos, visando a resolução de problemas imediatos por que passam os produtores, e b) investigação básica, objetivando o inventário e o apro-

veitamento dos recursos naturais da região.

É fundamental, sobretudo, que se supere o atual estágio de isolamento das ações dos diferentes órgãos ligados ao setor e se inicie uma política efetiva de integração de esforços. Entendemos como essencial um contato mais estreito dos pesquisadores com os agricultores e a assistência técnica e extensão rural. Estreitar estes laços é atividade para a EMBRAPA no seu trabalho diário.

Tomando por base o público aqui caracterizado, o desenvolvimento tecnológico deve buscar atender o conjunto de suas necessidades e das condições da agricultura acreana através da pesquisa integrada ao nível de propriedade.

Estes pressupostos evidenciam a necessidade de redirecionar algumas diretrizes no sentido de orientar a pesquisa e de atender as necessidades da agricultura no futuro. Este redirecionamento deverá implicar mudanças na filosofia e metodologia do trabalho.

Com respeito ao aspecto metodológico, a ênfase será a pesquisa em sistema de produção, onde o produto agrícola seja visto como um componente tecnológico da propriedade. Quanto à filosofia, o principal enfoque deverá ser a elaboração da programação de pesquisa com base em diretrizes e prioridades estabelecidas através de diagnósticos das necessidades agrícolas regionais do Estado e de instrumentos oficiais norteadores de diretrizes de políticas de pesquisa agropecuária regional.

Neste sentido, três prioridades básicas podem ser apontadas:

- . - regionalizar a pesquisa visando o desenvolvimento de tecnologias apropriadas às peculiaridades locais para o aproveitamento racional dos recursos naturais renováveis da região;

- intensificar o processo de transferência de tecnologia, a partir da estreita articulação com a extensão rural e com as organizações de produtores;
- desenvolver tecnologias e processos de produção tecnicamente viáveis e economicamente atrativos e compatíveis com a estrutura sócio-econômica da pequena propriedade sem provocar mudanças ecológicas indesejáveis ou irreversíveis.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, relembremos uma afirmação de um ex-presidente da EMBRAPA: "O padrão de conquista da região amazônica deverá diferir do restante do país, onde a tecnologia moderna é uma realidade muito recente. Nessa região, a conquista se fará com muito mais ajuda da ciência, inclusive para se minimizarem os efeitos negativos sobre o ambiente. Do contrário, veremos apenas uma agricultura de subsistência, que caminha pela floresta mas não a domina".

Em resumo, sem tecnologia o desenvolvimento do trópico úmido fracassará completamente em termos agronômicos, econômicos e ecológicos.

O redirecionamento de prioridades, de método e filosofia de trabalho não deve ser apenas uma proposta mas um grande desafio para o futuro.